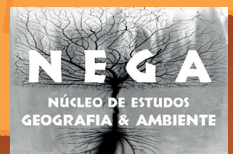


VOLUME 2
Epistemologias
quilombolas



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA



**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 2

**Epistemologias
quilombolas**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: ENQUANTO LUTAMOS, SOMOS MOVIDAS PELA ESPERANÇA

Cláudia Luísa Zeferino
PIRES

Karina Rejane da Silva
ELLIAS

Lara Machado
BITENCOURT

Rosângela da Silva
ELLIAS

INTRODUÇÃO: NOSSO MOVIMENTO PELA ESPERANÇA

Este texto apresenta a relação conjunta e participativa de trabalho, além de trocas de saberes entre as autoras, para a construção de perspectivas educacionais no Quilombo dos Alpes, em Porto Alegre (RS) e na cidade. Nosso percurso conjunto vem da problematização de práticas de extensão/comunicação, pesquisa e ensino, vinculadas e comprometidas com a comunidade quilombola. Somos sujeitas, que se integram, porque as narrativas se juntam e se reconstruem nesse processo. Somos movidas pela luta e pela esperança de uma educação com mais equidade, que possa situar o movimento e o direito à cidade e, por isso, a concepção desta narrativa busca visibilizar a caminhada, construída ao longo de sete anos de parceria.

Os quilombos urbanos são uma realidade espacial, presente na formação territorial brasileira, sendo responsáveis por formas de organização e de resistência cultural da população negra, que, historicamente, teve sua humanidade castrada, em função do regime escravista.

Os quilombos, durante o período colonial, eram formas insurgentes ao regime, que possibilitaram a sobrevivência e a soberania dos povos negros sobre suas culturas e sobre seus modos de vida. Quilombos urbanos e rurais,

COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; ELLIAS, Karina Rejane da Silva BITENCOURT, Lara Machado; ELLIAS, Rosângela da Silva. Educação quilombola: enquanto lutamos, somos movidas pela esperança. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 714-731



nos dias atuais, legalmente reconhecidos, são herdeiros destas memórias e destas práticas de resistência. Os quilombos urbanos se fundem com as cidades, conforme se dá o crescimento destas e, não raro, encontram-se nas periferias da cidade e, com isso, confundem-se com as estruturas que estas apresentam. A falta de legislação própria e as necessárias reparações históricas, aliadas à notória precariedade de infraestrutura urbana básica, aprofundam ainda mais as desigualdades estruturais enfrentadas pelas comunidades quilombolas.

Porto Alegre é a capital brasileira com o maior número de quilombos urbanos¹ autorreconhecidos e certificados, pela Fundação Cultural Palmares (FCP). Atualmente, são nove, as comunidades quilombolas autorreconhecidas, porém sete delas estão certificadas pela FCP. Até a atualidade, poucas políticas públicas estão sendo implementadas e as que existem são frutos exclusivos do protagonismo das comunidades quilombolas.

A demanda por uma educação escolar quilombola na cidade é emergente e foi apresentada como principal reivindicação do movimento quilombola na *Conferência Nacional da Educação*, em 2010, no Eixo VI – Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade. Logo, a Resolução CNE/CEB nº 8/2012 constata que a educação escolar quilombola se destina ao atendimento das populações quilombolas rurais e urbanas, em suas mais variadas formas de produções cultural, social, política e econômica. Com base no patrimônio cultural material e imaterial quilombola, “deve-se garantir aos estudantes o seu direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade” (BRASIL, 2012, p. 3).

A resolução também estabelece que esta modalidade de educação deve ser fundamentada, informada e alimentada por diversos marcos, entre eles, a memória coletiva, os valores civilizatórios, os acervos e o repertório oral e a territorialidade. Conjuntamente a esses princípios, a educação escolar quilombola é uma modalidade de educação essencialmente territorial e comunicativa, na qual os sujeitos, estudantes e comunidade escolar, não podem ser ignorados do processo de construção dos currículos, destacado como fator fundamental da configuração de uma educação quilombola.

Esta diretriz salienta, ainda, que escola quilombola é aquela localizada no território quilombola, o que difere de educação quilombola, que deve ser trabalhada por todas as escolas, que atendem comunidades quilombolas, indiferentemente, se urbanas ou rurais. No mapa da Figura 1, é possível observar a espacialização das escolas públicas, próximas aos territórios dos quilombos de Porto Alegre e, na Figura 2, a relação de escolas que constam no mapa.

¹ Fonte: sítio do INCRA, em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-processosabertos-quilombolas-v2.pdf>, acessado em: 17 nov. 2020.



Escolas públicas próximas aos quilombos de Porto Alegre



Figura 1 – Mapa de localização das comunidades quilombolas e das escolas mais próximas de seus entornos.

Fonte: SEDUC/RS (2020) e IBGE (2020)





Relação das escolas públicas

Código	Escola	Código	Escola
0	ESC MUN ENS INF DA VILA MAPA II	51	ESC EST ESPEC RENASCENCA
1	ESC MUN INFANT UNIDOS DA PAINEIRA	52	ESC EST ESPEC RECANTO DA ALEGRIA
2	ESC MUN INFANT VILA FLORESTA	53	ESC MUNICIPAL PORTO ALEGRE
3	ESC MUN INFANT VILA TRONCO	54	ESC EST ENS FUN ONOFRE PIRES
4	ESC.MUN.ED.INFA OSMAR DOS SANTOS FREITAS - MARZICO	55	ESC EST ENS FUND LUIZ GAMA
5	JARD INF MUN CANTINHO AMIGO	56	ESC EST ENS FUN DESIDERIO TORQUATO FINAMOR
6	ESC MUN ENS INF MARIA MARQUES FERNANDES	57	ESC EST ESN FUN EVA CARMINATTI
7	ESC EST ENS FUN ACORIANOS	58	ESC EST ENS FUN THEREZA NORONHA CARVALHO
8	ESC EST ENS FUN ALBERTO BINS	59	CENT ENS MEDIO TIRADENTES
9	ESC EST ENS FUN ALMIRANTE ALVARO ALBERTO DA MOTTA E SILVA	60	COL ESTADUAL DOM JOAO BECKER
10	ESC EST ENS FUN ANA NERI	61	COL ESTADUAL JULIO DE CASTILHOS
11	ESC EST ENS FUN AURELIO REIS	62	COL ESTADUAL PADRE RAMBO
12	ESC EST ENS FUN AYRTON SENNA DA SILVA	63	COL ESTADUAL PIRATINI
13	ESC EST ENS FUN BAEPENDI	64	COL ESTADUAL PROTASIO ALVES
14	ESC EST ENS FUN BRIGADEIRO SILVA PAIS	65	ESC EST ENS MED INFANTE DOM HENRIQUE
15	ESC EST ENS FUN CANDIDO PORTINARI	66	ESC EST ENS MED PRESIDENTE COSTA E SILVA
16	ESC EST ENS FUN COELHO NETO	67	ESC MUN ENS MED EMILIO MEYER
17	ESC EST ENS FUN CORONEL APARICIO BORGES	68	ESC EST ENS MED RAFELA REMIÃO
18	ESC EST ENS FUN DECIO MARTINS COSTA	69	COL ESTADUAL ELPIDIO FERREIRA PAES
19	ESC EST ENS FUN DOM PEDRO I	70	COL ESTADUAL FLORINDA TUBINO SAMPAIO
20	ESC EST ENS FUN DR FERREIRA DE ABREU	71	COL ESTADUAL INACIO MONTANHA
21	ESC EST ENS FUN DR JOSE CARLOS FERREIRA	72	COL ESTADUAL PARANA
22	ESC EST ENS FUN ESPIRITO SANTO	73	COL ESTADUAL PAULA SOARES
23	ESC EST ENS FUN ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL	74	COL ESTADUAL PRESIDENTE ARTHUR DA COSTA E SILVA
24	ESC EST ENS FUN EUCLIDES DA CUNHA	75	ESC EST ED BAS APELES PORTO ALEGRE
25	ESC EST ENS FUN FABIOLA PINTO DORNELLES	76	ESC EST ED BAS MONSENHOR LEOPOLDO HOFF
26	ESC EST ENS FUN GABRIELA MISTRAL	77	ESC EST ENS MED CEARA
27	ESC EST ENS FUN IMPERATRIZ LEOPOLDINA	78	ESC EST ENS MED CRISTOVAO COLOMBO
28	ESC EST ENS FUN LUCIANA DE ABREU	79	ESC EST ENS MED PROFESSOR SARMENTO LEITE
29	ESC EST ENS FUN MANE GARRINCHA CIEP ESPORTIVO	80	ESC EST ENS MED REPUBLICA ARGENTINA
30	ESC EST ENS FUN MEDIANEIRA	81	ESC.MUN.ED.BAS. DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA A CUNHA
31	ESC EST ENS FUN NA VILA JARDIM RENASCENCA	82	INS EST PROFA GEMA ANGELINA BELIA
32	ESC EST ENS FUN NACOES UNIDAS	83	ESC EST ENS MED AGRONOMO PEDRO PEREIRA
33	ESC EST ENS FUN PADRE BALDUINO RAMBO	84	COLEGIO DE APLICAÇÃO UFRGS
34	ESC EST ENS FUN PAUL HARRIS	85	CENT.MUN.DE EDU DOS TRABALHADORES PAULO FREIRE
35	ESC EST ENS FUN PIAUI	86	COL ESTADUAL CORONEL AFONSO EMILIO MASSOT
36	ESC EST ENS FUN PROFESSOR AFONSO GUERREIRO LIMA	87	COL ESTADUAL GENERAL ALVARO ALVES DA SILVA BRAGA
37	ESC EST ENS FUN PROFESSOR IVO CORSEUIL	88	ESC EST ED BAS PRESIDENTE ROOSEVELT
38	ESC EST ENS FUN PROFESSOR OLINTHO DE OLIVEIRA	89	ESC EST ENS MED ANNE FRANK
39	ESC EST ENS FUN PROFESSORA LEOPOLDA BARNEWITZ	90	ESC EST ENS MED PROFESSOR OSCAR PEREIRA
40	ESC EST ENS FUN PROFESSORA MARIA THEREZA DA SILVEIRA	91	ESC EST ENS MED SENADOR PASQUALINI
41	ESC EST ENS FUN RIO DE JANEIRO	92	ESC EST ENS MED TOM JOBIM
42	ESC EST ENS FUN SANTA LUZIA	93	ESC TECNICA EST SENADOR ERNESTO DORNELLES
43	ESC EST ENS FUN SAO FRANCISCO DE ASSIS	94	INST EST EDUC GENERAL FLORES DA CUNHA
44	ESC EST ENS FUN VERA CRUZ	95	NUCL E EJA E CP DARCY RIBEIRO
45	ESC EST ENS FUN VILA CRUZEIRO DO SUL	96	NUCL E EJA E CP DARCY VARGAS
46	ESC EST ENS FUN VISCONDE DE PELOTAS	97	NUCL E EJA E CP DESEMBARGADOR ALAOR ANTONIO TERRA
47	ESC EST ENS FUN WILLIAM RICHARD SCHISLER	98	NUCL E EJA E CP JULIETA VILLAMIL BALESTRO
48	ESC MUN ENS FUN GABRIEL OBINO	99	NUCL E EJA E CP MENINO DEUS
49	ESC MUN ENS FUN JOSE LOUREIRO DA SILVA		
50	ESC MUN ENS FUN VEREADOR MARTIM ARANHA		

Figura 2 – Relação de escolas mais próximas do entorno das comunidades quilombolas, presentes no mapa da Figura 1.

Fonte: SEDUC/RS (2020)




A educação escolar quilombola, instituída no Brasil, em 2012, como modalidade de ensino orientada pela Resolução nº 8/2012 do Conselho Nacional de Educação (CNE)/Câmara de Educação Básica (CEB), traz para o âmbito legal o reconhecimento do direito fundamental à implementação da educação e de escolas quilombolas nos territórios ou nos entornos dos espaços das comunidades autodeclaradas. Como defendido por Gomes (2013), esta é “[...] uma ação afirmativa, uma forma de colocar em prática políticas, que visam à correção de desigualdades históricas, que recaem sobre determinados grupos sociais e étnico-raciais do país”, tornando-se, assim, uma busca real de acesso a direitos.

A partir do segundo semestre de 2013, através de um convite da Associação Quilombola ao Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente, núcleo de pesquisa/ extensão do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, deu-se início ao processo de mapeamento coparticipativo² do território, cujo conteúdo é constituído, fundamentalmente, pelas memórias e pelas trajetórias comunitárias vividas com o espaço. Desse período à atualidade, muitas ações de pesquisa/ ensino/ extensão vêm sendo construídas, sempre pautadas pela pesquisa-ação. A pesquisa-ação corresponde a nossa estratégia metodológica, porque envolve os/as participantes em todas as etapas do processo investigativo (planejamento, desenvolvimento, resultados, avaliação e divulgação), mantém uma ampla relação entre Universidade e comunidade e os resultados/ avaliação devem estar comprometidos com os projetos de bem-viver da comunidade e com o diálogo de saberes, movimentando futuros projetos e ações conjuntas.

GEOGRAFAR... EXIGE DISPONIBILIDADE PARA O DIÁLOGO

É na disponibilidade, que construímos a segurança, para nos abirmos ao mundo, indispensável para a construção do respeito às diferenças e aos diálogos das práticas educativas (FREIRE, 1996). É com abertura ao diálogo que inicia a construção da confecção do mapa *Pelas Trilhas do Quilombo dos Alpes: Percursos, Memórias e Identidades* (sua metodologia está destacada no capítulo *Espacialidades Geo-Quilombistas: percursos do nosso fazer*). Com a conclusão do mapa das trilhas, evidenciaram-se, no espaço e nas narrativas da comunidade, as necessidades de desenvolvimento territorial, para o benefício comunitário. Desde então, desenvolvemos atividades dialógicas, voltadas para a educação popular e quilombola e para a organização territorial da comunidade. Inicialmente, desenvolveu-se o programa de turismo de base comunitária *Pelas Trilhas do Quilombo dos Alpes*, com os objetivos de valorizar o trabalho e de promover a geração de renda, a partir do local, através de formações para

 ² A metodologia do mapeamento coparticipativo está detalhada no capítulo *Espacialidades Geo-Quilombistas: percursos do nosso fazer*, presente nesta obra.



educandos e para educadores de escolas públicas e privadas, assim como para grupos da sociedade civil, em geral, tendo, como objeto, os conteúdos da Lei nº 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade de propagação de conteúdos da História e da Geografia de África, associados às relações da cultura afro-brasileira. A divulgação deste programa educacional é feita em uma página da rede social Facebook (<https://www.facebook.com/pelastrilhasdoquilombo>). Nela, apresentamos e compartilhamos as experiências de aprendizados, construídas na comunidade quilombola. A Figura 3 representa o material de divulgação.

As rodas de conversas e as trilhas guiadas são ministradas pela mestra griô³ Rosângela da Silva Ellias (a Janja) (figuras 4 e 5). Essas ações são planejadas e acompanhadas pela comunidade e contam com o apoio da Universidade. O programa de visitação/educação *Pelas Trilhas do Quilombo dos Alpes* desenvolve atividades, para uma educação quilombola de e sobre Porto Alegre, promove exercícios de apresentação e de interpretação do mapa das trilhas, assim como aproximações pedagógicas com o ensino formal nos níveis de educação básico e superior.

O programa de visitação da comunidade *Pelas Trilhas do Quilombo dos Alpes* evidenciou a necessidade de instrumentalização dos comunitários, para o compartilhamento das memórias e dos modos de vida tradicionais do Quilombo. Assim, as práticas pedagógicas, realizadas pelo NEGA/UFRGS e pela Associação Quilombola, foram se consolidando, cada vez mais. Para a divulgação e para o conhecimento prévio do território, foi organizado um vídeo, que apresenta o Quilombo dos Alpes e as suas territorialidades⁴. Além do público externo atendido, as práticas promovem debates sobre as educações antirracista e quilombola, e atividades, voltadas a atender às crianças e aos jovens quilombolas, também foram desenvolvidas, em 2017 e em 2018, através de ciclos de oficinas, ofertados durante os meses de inverno. As experiências organizadas no contraturno das aulas escolares das crianças e dos jovens da comunidade e, em alguns casos, durante o período de férias, trouxeram, em suas súmulas, as dimensões ético-estéticas da temática quilombola e das identidades territoriais.

Em 2017, destacamos três oficinas: a primeira, sobre máscaras africanas, que objetivou construir, junto às crianças e aos jovens, suas representações do território, a partir da construção desse elemento cênico ancestral; a segunda, foi

³ A palavra *griô* tem origem na tradição oral africana, sendo utilizada para designar mestres, portadores de saberes e de fazeres da cultura, transmitidos oralmente. Segundo a *griô* Adwoa Badoe, entre os povos do oeste da África, os *griôs* são aqueles que, há séculos, preservam e transmitem as histórias, principalmente, as que se referem aos grandes líderes e à formação dos reinos, mas, também, às pessoas comuns [...] A palavra griô, ao ser incorporada à cultura brasileira, teve seu sentido ampliado, sendo agregadas ao ofício do griô outras ações, como cantoria, dramaturgia, danças, além da contação de histórias, mas sem perder sua referencialidade, quanto à valorização de transmissão de saberes, por meio da tradição oral (PORTO, 2016).

⁴ O vídeo organizado pelo coletivo audiovisual Catarse pode ser acessado no link: https://www.youtube.com/watch?v=1WbPW7KHhB4&ab_channel=ColetivoCatarse



Figura 3 – Folder de divulgação de atividades, que podem ser realizadas no Quilombo dos Alpes.
Fonte: arte da capa: Lara Machado Bitencourt. Organização do folder: Marina Orlandi Goulart (2016)



Figura 4 – Roda de conversa entre a Janja e um grupo de estudantes do Curso de Geografia da UFRGS
Fonte: NEGA (2018)



Figura 5 – Trilha com estudantes e professores da EMEF Gabriel Obino
Fonte: NEGA (2016)

sobre a cartografia dos marcadores territoriais do quilombo, sob a perspectiva dos jovens (Figura 6), cuja sistematização foi proposta na monografia de conclusão do curso de licenciatura em Geografia de Matheus Eilers Penha, em 2017; e, por fim, a terceira, foi sobre muralismo, trazendo uma oficina de arte de rua para o espaço da sede da Associação Quilombola e culminando em um mural, elaborado pelos jovens, em parceria com o professor de Geografia e muralista Ben-Hur José Soares.

As oficinas de 2018, realizadas com os jovens, ganharam novos parceiros e se desenvolveram, a partir de quatro atividades: a primeira delas foi a oficina de identidade e de ancestralidade, focada na criação de autorretratos e da árvore genealógica das crianças e dos jovens. A segunda, uma oficina de horta comunitária, foi desenvolvida, em parceria com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAMS), junto ao setor de educação ambiental, contando com a confluência dos usos e da lida com a terra. Na sequência, a terceira oficina de 2018 contou com a parceria do professor de matemática Ernani Freitas, que trouxe o jogo da Mankala, que trata de uma metáfora matemática para o ciclo da colheita, que era jogado, através de um tabuleiro, pelos povos egípcios originários. Encerrando as atividades daquele ano, realizamos, em conjunto com a professora de dança e educadora social Clarisse Moraes, o percurso dos territórios negros do Centro de Porto Alegre, em que, através de uma saída de campo guiada, os jovens puderam ter contato com as memórias das presenças negras na cidade, para além dos registros de violência, que unicamente inferiorizam a condição do povo negro no currículo



Figura 6 – Oficina dos marcadores territoriais, com crianças e com jovens, no Quilombo dos Alpes.
Fonte: NEGA/UFRGS (2017)

escolar. No Quadro 1, listamos as oficinas realizadas, com registro em vídeo de seus desenvolvimentos.

As atividades desenvolvidas entre 2017 e 2018 tiveram, por objetivo, considerar os saberes e os valores afro-civilizatórios, que são inerentes às identidades quilombolas. Alinhadas à Resolução CNE/CEB nº 8/2012, estas oficinas serviram, também, para despertar uma consciência narrativa das trajetórias negras e quilombolas dos sujeitos do Quilombo dos Alpes, de modo a suprir lacunas formativas, negligenciadas nos currículos escolares formais, que carregam marcas profundas do racismo estrutural, presente em nossa sociedade.

Para o antropólogo Kabengele Munanga (2005), as consequências de uma educação, que ignora os valores civilizatórios afro-brasileiros, incidem em situações preocupantes de evasão e de repetência, pois:

[...] aceitar que a questão da memória coletiva, da história, da cultura e da identidade dos alunos afro-descendentes, apagadas no sistema educativo baseado no modelo eurocêntrico, oferece parcialmente a explicação desse elevado índice de repetência e evasão escolares. Todos, ou pelo menos os educadores conscientes, sabem que a história da população negra quando é contada no livro didático é apresentada apenas do ponto de vista do “Outro” e seguindo uma ótica humilhante e pouco humana. (MUNANGA, 2005, p. 16)

Na esteira do programa das trilhas, a partir de 2016, teve início a implementação das bases do *Projeto Habitacional Quilombo dos Alpes - JV*, financiado pelo



OFICINAS – QUILOMBO DOS ALPES/2018

Acesso ao vídeo:



Mankala: um antigo jogo, de origem africana, que utiliza sementes e que se relaciona ao ciclo da sementeira. Seu principal objetivo, ao simular o ato de semear, é ilustrar a germinação das sementes na terra, o seu desenvolvimento e a sua colheita. Nesta oficina, o professor de matemática Ernani Freitas estimulou o raciocínio lógico dos jovens do Quilombo, por meio da atividade lúdica do jogo da Mankala.



Acesso ao vídeo:



Horta: nesta oficina construímos uma horta coletiva no quilombo, com o objetivo de resgatar as memórias de vínculo com a terra presentes nos quilombolas. Para esta atividade, contamos com a participação da Secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade (SMAMS) sob a orientação do geógrafo Carlos Henrique de Oliveira Aigner.





OFICINAS – QUILOMBO DOS ALPES/2018

Acesso ao vídeo:



Ancestralidade: para resgatar a ancestralidade da matriarca Edwirges, primeira moradora do morro dos Alpes construímos junto às crianças e jovens seus autorretratos, refletindo também sobre suas origens e relações de parentesco. Organizados os desenhos em uma árvore de tecido, foi possível desenvolver a uma árvore genealógica que representa a presença destas famílias na comunidade do Quilombo dos Alpes.



Acesso ao vídeo:



A cidade aos pés do Quilombo: a educadora social Clarice Moraes apresenta neste vídeo as memórias do percurso dos territórios negros em Porto Alegre. Através da mediação de Clarice, os jovens quilombolas vão conhecendo as histórias e geografias da presença negra na cidade desde a saída do Quilombo dos Alpes





Fundo de Desenvolvimento Social (FDS) e gerenciado pelo Ministério das Cidades (atual Ministério do Desenvolvimento Regional), através do *Programa Minha Casa, Minha Vida – Entidades*. Com o objetivo de construir 50 unidades habitacionais, dentro do território do Quilombo dos Alpes, o projeto habitacional vem sendo implementado, a partir de oficinas de formação de moradores, com atividades de conhecimento e de integração, com base nas diretrizes do edital, realizadas durante os anos de 2016 e de 2017. Em 2018, o projeto foi selecionado e assinado pelas 50 famílias beneficiárias.

A necessidade de uma educação quilombola territorial se faz indispensável, assim como o desejo da implementação de uma escola quilombola, dentro do território da comunidade. Por isso, foram engendradas práticas pedagógicas, junto e a partir da comunidade quilombola dos Alpes, através de oficinas, ocorridas em 2017 e em 2018. No entanto, com o estreitar dos laços de parceria e com a implementação do projeto habitacional, a relação pedagógica também tem se estendido aos adultos, através de práticas pedagógicas, desenvolvidas em aulas regulares, ao longo de 2019 e de 2020 (Figura 7).

Devido à pandemia de Coronavírus, as aulas regulares foram suspensas e atividades a distância estão sendo experimentadas, considerando as limitações da inclusão digital, às quais estão submetidas as comunidades quilombolas e periféricas. Neste espaço, estamos construindo as bases de uma escola quilombola, alicerçada em currículos popular e territorial, que contam com a transdisciplinaridade multisseriada e com preceitos da Pedagogia Situada, de Freire (1986), mediada pela dialógica, enquanto fundamento metodológico desta prática pedagógica.

Atualmente, as obras se encontram em curso e, junto ao projeto habitacional, estamos desenvolvendo o projeto de trabalho técnico social, fundamentado na criação de uma escola quilombola no território do Quilombo dos Alpes. O objetivo é de atender, não, só, à população local, mas de aproveitar as condições espaciais do território do Quilombo dos Alpes para acolher a primeira escola quilombola de Porto Alegre, capaz de atender a toda a população quilombola da cidade, haja vistas as demandas deste público por um currículo escolar, voltado à valorização dos saberes e dos fazeres quilombolas.

A PRESENÇA QUILOMBOLA E SEUS SABERES, COMO POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Para compreender a educação escolar quilombola, faz-se indispensável observá-la, também, pelos vieses das educações territorial e libertadora, portanto, geograficamente situadas, tomando, por orientação, os modos de ser e de fazer dos sujeitos, que vivenciam o lugar. A implementação de uma escola quilombola



Figura 7 – Oficina de letramento para jovens e para adultos
Fonte: NEGA (2019)

no território do Quilombo dos Alpes possui o papel reparador de séculos de exclusão social e faz parte de projetos mais amplos de organização e de gestão territorial, que visam a atender às comunidades quilombolas de Porto Alegre e, não, apenas, ao Quilombo dos Alpes, pois, a partir desta experiência, será possível estreitar os vínculos entre os quilombos e os quilombolas de Porto Alegre, bem como incentivar à implementação de outras escolas quilombolas na cidade.

É importante destacar que esta questão deve ser encabeçada pelo poder público, através das secretarias municipal e estadual de Educação, em parceria com o Ministério da Educação, em âmbito federal, uma vez que se tratam de medidas de extrema importância, para a diminuição das desigualdades estruturais, e de grande valor reparatório, que não podem ser sustentadas pela extensão universitária, apenas. Como destaca Paulo Sérgio da Silva (2016):

Algumas experiências educativas estão se consolidando nas comunidades remanescentes de quilombos [...] boa parte dessas atividades governamentais é de projetos de extensão universitária. Tais experimentos pedagógicos, embora tenham impacto relativamente intenso no interior



das comunidades, não conseguem mobilizar a estrutura do Estado, em suas distintas esferas de representação (municipal, estadual e/ou federal), para efetivar uma educação de qualidade, diferenciada, e que atenda os interesses específicos das comunidades remanescentes de quilombos, uma vez que estão restritas ao âmbito de organizações não-governamentais e de projetos de Extensão Universitária, havendo raras experiências no ambiente dos cursos de formação de professores. (SILVA, 2016, p. 76-77, grifo do autor)

Tem se mostrado tão necessário quanto urgente reconhecer os esforços, para a afirmação de uma educação quilombola em Porto Alegre, a partir e para além do Quilombo dos Alpes, pois as faltas de identificação e de pertencimento, por parte dos sujeitos, em relação à escola, associadas à falta de reconhecimento de suas trajetórias e das de seus antepassados, são fatores que favorecem ao abandono escolar. Igualmente, as carências de significação dos saberes quilombolas, dentro da escola formal, frente às demandas da vida cotidiana, e de infraestrutura básica nas periferias urbanas contribuem para o aumento das desigualdades sociais, estrutural falando.

Deste modo, é indispensável, a mobilização da estrutura do Estado, em suas distintas esferas de representação, tal qual observa Paulo Sérgio da Silva (2016), para que sejam atendidas às demandas das estruturas física e institucionalizada da escola quilombola e para que se desenvolva um projeto de educação quilombola de qualidade, capaz de atender aos diferentes níveis de ensino da educação básica, acolhendo, não, só, a população quilombola dos Alpes, mas, também, toda a população quilombola de Porto Alegre.

O desejo por uma escola quilombola, sediada no território do Quilombo dos Alpes, sempre foi um sonho, mas, também, uma necessidade, identificada por Rosângela Ellias (Janja) e pelas demais lideranças quilombolas, pois, além de garantir uma educação identitária para as gerações mais novas, representaria uma oportunidade de as gerações mais antigas venceram os obstáculos, gerados pelas exclusões sociais e reproduzidos no universo da escola, que, não raro, ocasionaram e ocasionam a evasão escolar, por parte dos adultos e, também, dos jovens da comunidade.

Esforços, realizados para aproximar as escolas, que atendam à comunidade, têm sido empreendidos, pelo Quilombo dos Alpes, e procuram promover a aproximação e a valorização da cultura quilombola, junto a toda a comunidade da Estrada dos Alpes, frequentadora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Gabriel Obino e da Escola Estadual de Ensino Fundamental Baependi.

Igualmente, a partir das experiências dos programas das trilhas e das oficinas educativas realizadas, o Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente (NEGA/UFGRS) organizou o relatório técnico *Pelas Trilhas do Quilombo dos Alpes – Experimentações para uma educação escolar quilombola* (BITENCOURT et



al., 2018), que serviu de instrumento, para reivindicar a escola quilombola do Quilombo dos Alpes. Assim, em setembro de 2018, em reunião com a, então, secretária municipal adjunta de Educação Ivana Flores, o NEGA/UFRGS e a Associação Quilombola dos Alpes demandaram, a esta secretaria, medidas, para a efetivação da escola quilombola, dentro do território do Quilombo dos Alpes. Neste encontro, foram destacados os recursos orçamentários, destinados à educação quilombola, existentes no Plano de Ações Articuladas (PAR), promovido pelo Ministério da Educação. Apesar da relevância da demanda e da pertinência das justificativas, não houve notícias sobre nossas solicitações, desde então.

Em 2019, através de projeto promovido pelo Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul, foram realizadas oficinas, que promoveram trocas de saberes entre as comunidades quilombolas e as comunidades escolares de Porto Alegre. Deste projeto, resultou a publicação do livro *Memórias de trabalho e não trabalho quilombola*, organizado por Marcio Meireles Martins, em 2019. Estas e outras iniciativas, promovidas pela universidade, pelos movimentos sociais organizados, com destaque para a Frente Quilombola do Rio Grande do Sul, que instituiu o *Coletivo de Educação*, e pelas próprias comunidades representam alguns dos esforços, engendrados pela população quilombola de Porto Alegre, para visibilizar a importância de sua presença, de sua ancestralidade e de sua cultura na construção da cidade.

A implementação de uma escola quilombola em Porto Alegre se mostra urgente e necessária. Os esforços empregados pela Associação Quilombola dos Alpes, através da parceria desenvolvida com o Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA/UFRGS), contribuem significativamente para a construção da escola quilombola dos Alpes, contudo a formalização desta escola carece de financiamento e de apoio públicos. As oficinas, desenvolvidas após a conclusão da cartografia das memórias do território do Quilombo dos Alpes, têm fomentado a valorização da identidade quilombola, reforçando uma compreensão negligenciada pela escola formal, ao afirmar que os saberes locais e que os conhecimentos ancestrais do Lugar e do Território quilombolas têm valor e importância na História e na Geografia da cidade, e isso estimula os jovens a se reconhecerem e a participarem da organização comunitária e catalisa a movimentação política da comunidade para além daquela, já exercida pelas lideranças, pois dialoga individualmente com cada sujeito, que se percebe no mundo.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394/1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. Decreto nº 4.873/2003. Institui o programa nacional de universalização do acesso e uso da energia elétrica – Luz para todos – e outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 nov. 2003. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98227/decreto-4873-03>. Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.639/03. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.836/04. Cria o programa Bolsa Família e outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 12 jan. 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.836.htm. Acesso em: 2 jun. 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Resolução n. 12, de 20 de novembro de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 nov. 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11963-rceb008-12-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 2 jun. 2020.

BITENCOURT, Lara Machado *et al.* **Pelas Trilhas do Quilombo dos Alpes – Experimentações para uma educação escolar quilombola**. Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente/UFRGS, 2018. (Relatório Técnico)

COLETIVO CATARSE. **Oficina no Quilombo dos Alpes: árvore genealógica**. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_tStjGRYmWY. Acesso em: 2 jun. 2020.

COLETIVO CATARSE. **Oficinas no Quilombo dos Alpes: horta**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GzM9Biq-Qxs>. Acesso em: 2 jun. 2020.

COLETIVO CATARSE. **Oficinas no Quilombo dos Alpes: mankala**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yBFB59DaMNs>. Acesso em: 2 jun. 2020.

COLETIVO CATARSE. **Oficina no Quilombo dos Alpes: territórios negros**. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fhbApVRAqBM>. Acesso em: 2 jun. 2020.

DOBAL, Winnie Ludmila Mathias. **Narrativas espaciais do Quilombo dos Alpes/Porto Alegre/RS: Instrumento de encrespamento do ensino de Geografia, na busca de uma educação territorial antirracista**. 2015. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – UFRGS, Porto Alegre, 2015.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Palestra sobre as diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola**. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MDhbq-NMpAl>. Acesso em: 2 jun. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Processos abertos de titulação quilombola**. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/incra-processosabertos-quilombolas-v2.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

MARTINS, Márcio Meireles (org.) **Memórias de trabalho e não trabalho quilombola**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Apresentação. *In*: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 2 jun. 2020.

PENHA, Matheus Eilers. **Geração de Ambiências no Quilombo dos Alpes**: práticas de cartografia para fundamentar uma educação quilombola. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – UFRGS, Porto Alegre, 2017.

PORTO, Helânia Thomazine. **A importância de Griôs na socialização de saberes e de fazeres da cultura**. Disponível em: <http://www.processocom.org/2016/06/01/a-importancia-de-griôs-na-socializacao-de-saberes-e-de-fazeres-da-cultura/>. Acesso em: 2 jun. 2020.

REGO, Nelson. Geração de Ambiências: três conceitos articuladores. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 46-53, jan./abr. 2010.

SILVA, Paulo Sérgio da. Educação quilombola – Da pedagogia branco-europeia a um novo fazer pedagógica *In*: FERNANDES, Evandro; CINEL, Nora Cecília Lima Boccacio; LOPES, Véra Neusa. (org.). **Da África aos Indígenas do Brasil**: Caminhos para o estudo de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. *In*: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Modos de Brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A Cor da Cultura, v. 5)

